



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6691 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT06 - Educação Popular

EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UM TRABALHO DE BASE COM CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.

Maria Ivanilde Fidelis Damasceno Rabelo - UECE - Universidade Estadual do Ceará

José Ernandi Mendes - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Ângela Thaís da Silva Brito - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: FUNCAP

EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UM TRABALHO DE BASE COM CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa aprofundar uma discussão teórica sobre as perspectivas de educação libertadora dos sujeitos da catação, frente ao caráter destrutivo do capitalismo na produção de resíduos sólidos, sobre o qual estão diretamente implicados. O direcionamento das discussões busca desvendar a Educação Popular desenvolvida pelas práticas educativas da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte-Ce., junto aos catadores de materiais recicláveis do município de Russas – Ce. A partir do trabalho de base e das práticas de educação popular desenvolvidas pela Cáritas com os catadores, realizamos reflexão sobre a realidade material na qual estão inseridos, marcada por problemas decorrentes das desigualdades sociais, pobreza e negação do direito à escolarização.

Este estudo nos ajuda a entender a relação de opressão desencadeada pelo sistema capitalista aos sujeitos por ele desprezados e descartados. Neste sentido, a teoria crítica e a práxis do conhecimento desenvolvida por Freire (1987) nos servem como bússola. Parte-se do pressuposto que a educação popular constrói trabalhos de base e ações práticas que permitem aos sujeitos construir os meios para a conscientização sobre sua condição de submissão no sistema alienado e excludente. A consciência produz um conteúdo libertador capaz de transformar suas vivências degradantes, experimentadas neste capitalismo, destruidor do Planeta, do meio ambiente e dos seres humanos explorados e oprimidos pela estrutura social.

Apesar de imersos numa realidade opressora, as contradições vivenciadas pelos oprimidos propiciam também processos de conscientização/libertação, que se constroem em

práticas de resistência. Em meio a práxis contraditórias, os oprimidos e explorados podem reconhecer o lugar social a eles destinado e as consequências de sua opressão. Dito isto, compreende-se, a partir dos estudos de Freire (2016), que os sujeitos podem migrar da consciência ingênua para a consciência crítica.

O caminho metodológico do estudo partiu da pesquisa em curso por meio de explanações em sala de aula e leituras bibliográficas apresentada no cronograma das disciplinas Teoria do Conhecimento e Teoria da Educação em curso de pós-graduação *strito sensu*. O estudo visa uma discussão acerca da categoria de catadores de materiais recicláveis e seus vínculos com a educação popular, mediados pelas práticas educativas realizadas pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte-Ceará.

Os caminhos metodológicos deste estudo foram traçados a partir de pesquisas bibliográficas. À luz de Freire (1987) e Brandão (2012) discutiu-se as categorias de educação popular e conscientização. Para melhor compreender as questões sociais que envolvem os sujeitos da pesquisa, recorreu-se à Fals Borda (1995), Gramsci (1982) e Pinhel (2013).

De certo, os conhecimentos populares por vezes foram esquecidos por pesquisas científicas durante muitos anos. Isto decorreu de alguns fatores específicos, dentre os quais, destacam-se: a concentração do poder científico em áreas “elitivas”. Um segundo fator determinante, foi a busca pela neutralidade na ciência, destinando aos estudos de caráter popular, um lugar subalterno. Todavia, cabe mencionar, que trabalhos de base entre os setores de ensino foram necessários para desconstruir na história da educação concepções dominantes e suas tentativas de neutralizar o conhecimento na academia.

Na esteira dessa discussão, Fals Borda (1995) destaca que a interferência Europeia prejudicou ativamente as pesquisas no continente Latino Americano, impossibilitando a realização de pesquisas autônomas ou o desenvolvimento de funções inovadoras do conhecimento. Na visão do autor ora mencionado, essa valorização demasiada à ciência europeia, em detrimento da ciência desenvolvida na América Latina, desencadeou uma falta de liberdade nas opiniões e nas visões de mundo, pois dificilmente havia a articulação da cientificidade com a cultura, diversidade e experiências populares, sendo que estes fatores constroem a possibilidade de ampliação do conhecimento científico.

Contudo, o envolvimento dos autores deste trabalho com o tema surgiu a partir da compreensão que a categoria dos catadores possui um histórico de subalternização, haja visto que são sujeitos marginalizados que lutam pela sua sobrevivência e dignidade. Eles são produtos históricos do desenvolvimento capitalista, assim como também é o “lixo” em abundância, que o sistema produz. A fome insaciável de lucro do capitalismo o faz se reinventar, inclusive na criação do sistema de produção flexível, com produtos cada vez mais descartáveis, decorrentes da degeneração consumista apregoada pelo fordismo no início do século XX e renovada no contexto da crise capitalista da década de 70, perdurando até os dias atuais, onde a irracionalidade do aquecimento global e dos descartes submergem o planeta a um futuro macabro às futuras gerações.

2. CONHECIMENTO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE.

A sociedade tal qual se conhece atualmente, é fruto de uma construção histórica perpassada por diversos momentos de transições de mudanças na forma em como os seres humanos se relacionam em grupo. Todas essas etapas de convivência social, foram se construindo no que hoje se conhece como sociedade, regida por um sistema mundo que destina diferentes papéis para diferentes sujeitos e, assim, divide a humanidade em classes

sociais antagônicas. Esse sistema, conhecido por capitalismo, é fruto de todas as modificações que as relações humanas foram sofrendo ao longo dos séculos.

Nesse contexto histórico, é perceptível como a opressão deixa “feridas abertas” e roubam energias humanas para superar sistemas excludentes e opressores, que massacram identidades de classes, onde distorce e destrói perspectivas de relações humanizadas, alegadas pela concentração do conhecimento e do poder econômico. No bojo dessas afirmações:

A luta pela humanização, pelo trabalho, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos* (FREIRE, 1987, p.16 – Itálicos do autor).

Faz-se necessário desconstruir a desalienação através de conhecimentos que reforcem uma teoria crítica e participativa (MENDES et al, 2020), como práxis que dá significado a afirmação humana pela ordem da justiça, mas que torne uma vocação libertadora de não mais permanecer a ordem histórica da opressão e a do oprimido:

A *dóxa*, o saber comum construído a partir da prática, é absolutamente indispensável para chegar à teoria. A compreensão crítica do mundo também se constrói a partir do senso comum; é isso que se quer enfatizar a partir da práxis participativa, que não é qualquer práxis. A teoria não é suficiente para chegar às metas utópicas da libertação; tem que haver um complemento na práxis (BORDA, 2005, p.373).

Os saberes construídos no âmbito das práticas populares, “o saber comum”, podem propiciar uma compreensão crítica do mundo. Desta forma, percebe-se que a práxis participativa é fundamental para a construção da criticidade.

As ideias libertadoras emergem da crueldade social, do enraizamento da violência histórica que alicerça a miséria e as desigualdades sociais, pelo simples ato de pensar isoladamente no bem-estar individual, gerando uma sociedade desumana e sem amorosidade, pois “A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria”, (FREIRE, 1987, p.17).

Os saberes adquiridos na educação popular se tornam parte da dialética que proporciona mentes livres e capazes de dialogar com a realidade contraditória, vislumbrando horizontes de superação e luta pelo engajamento da sociedade entre causas comuns, e entre os indivíduos em suas pluralidades.

A formação humana construída pelos processos de educação popular e a sistematização do conhecimento realizado pelas práticas transformadoras, são espaços edificadas do saber empírico e/ou mesmo compartilhados na escola ou espaços comunitários, pois são pertinentes à contemporaneidade. “É natural que seja assim, pois a sala de aula e a escola são ambientes de intercâmbio pessoal e coletivo onde as culturas renascem e vão se transformando e enriquecendo”, (BORDA, 1995, p. 366).

Os saberes populares conectados à resistência e ao ideário de emancipação podem transformar realidades ameaçadas pelas injustiças sociais, econômicas e ambientais. Freire (1987, p.21) nos diz que “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para

transformá-la, sem ela, é impossível a superação da contradição opressor oprimidos”.

A realidade de catadores de materiais recicláveis é conhecida pela pobreza e desigualdade que se apresenta no Brasil, sendo necessária uma pedagogia que vislumbre a humanização e a libertação do ser excluído da sociedade.

Freire (1987) propõe no livro *Pedagogia do Oprimido*, que a educação seja uma ferramenta de transformação e formação do ser humano, apontando dois momentos de libertação e humanização:

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1987, p.23).

O comprometimento com a luta social e a manifestação de elucidar o conhecimento que liberta, o educador, no caso aqui a Cáritas, apresenta aos sujeitos um desvelamento da opressão promovida pelo sistema, pois “enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser” (FREIRE, 1987, p.24). Contudo, se faz necessário a revelação aos seres humanos a capacidade de indignar-se contra as injustiças e as desigualdades impostas pelo sistema capitalista.

O ser humano é capaz de protagonizar sua emancipação social. Como fala Gramsci (1982, p. 7-8) “todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa da concepção de mundo (...) contribui assim (...) para modificar uma concepção de mundo”.

Em suma, os sujeitos da catação são capazes de teorizar conhecimento pelo processo da educação dialógica com a realidade, pois a classe oprimida, se assim descobrir sua fortaleza e sua capacidade transformadora, engajadas em redes de articulação entre os coletivos tidos como desiguais, revelam lutas e emancipação de saberes que unem toda uma nação:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 1987, p.29).

A fundamentação da ação que organiza a luta pela libertação contra as injustiças acometidas aos coletivos feitos desiguais, se faz necessário um trabalho de base que direcione um olhar pedagógico social, visando sensibilizar consciências de emancipação e reflexão do cotidiano, influenciando sua crença e capacidade de libertar-se da opressão.

Freire (1987) afirma que é preciso animar a luta pela ação cultural junto aos oprimidos, pois a ludicidade torna-se um meio de eficácia da aprendizagem que teoriza conhecimentos, humanização e acima de tudo, consciência pela luta de classe. Assim, a

educação popular mediada por lideranças revolucionárias através do ato de luta em comum entre as massas, torna-se essencialmente um trabalho de participação democrática e humanizadora entre os sujeitos. “Precisamos estar convencidos de que o convencimento dos oprimidos de quem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização”, (FREIRE,1987, p.30).

Fals Borda (1995) esclarece que a participação popular e o ato de engajamento transformam a consciência dos sujeitos e os fazem críticos e reflexivos pelo método dialógico, como assim Freire (1987), mostra que a ação política possibilita a libertação e que esta, só ocorre efetivamente, quando a consciência de classe perpassa a problematização de sua existência.

Assim, a ciência popular parte da sua realidade concreta, e sua cultura se baseia nos ensinamentos passados de gerações em gerações. Desta forma, o intercâmbio entre os princípios acadêmicos e o conhecimento empírico, constituem espaços de debates políticos e culturais, nos quais o respeito aos saberes populares vividos pelos povos tradicionais dá sentido profundo ao pensamento revolucionário para a formação humana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas vezes a visão que as pessoas têm da pobreza reduz à avaliação dos cargos ou funções mais desprezadas pela sociedade, e/ou discursos simplistas que não captando a essência das relações sociais no capitalismo, o individualismo, a concentração de riquezas, o consumismo e a subdivisão de classes pelo poder, classificam as pessoas “marginalizadas” como “preguiçosas” que ou não querem procurar trabalho ou são rejeitadas pelo mercado de trabalho, restando-lhes catar as sobras do sistema.

Como discorre Pinhel (2013, p.19): “o crescimento da atividade de catação tem fortes vínculos com níveis de extremos de pobreza”. Portanto, é perceptível, que a categoria de catadores de materiais recicláveis está submetida ao mercado informal de sobrevivência imposta pelo sistema capitalista do consumismo.

O processo de desigualdade na divisão de classes, relacionado a divisão dos bens de riqueza, ocasionou drásticas consequências à realidade dos grupos sociais, pois “a divisão social do trabalho separou os homens entre aqueles que produzem a riqueza e aqueles que dela se apropriam privadamente”, (TONET, 2015, p.209).

De certo, os sujeitos catadores de materiais recicláveis estão submetidos à exploração do trabalho imposta pela divisão excludente e desvalorizado de suas funções sociais. No contexto social que vivem desumanamente, imposto pelo capitalismo opressor, não conseguem desenvolver com qualidade uma gestão ambiental favorável ao seu processo de educação. Eles se deparam com uma sociedade que impõe preconceitos, dissemina práticas de desumanização e alimenta políticas de exclusão.

Contudo, a contradição emerge, e educadores coletivos, como a Cáritas Diocesana, através de práticas de educação popular, propiciam aos sujeitos catadores elementos formativos que os fazem despertar de sua consciência ingênua a uma consciência crítica, numa perspectiva de uma educação libertadora.

Neste cenário, é desafiante construir práticas educativas que apresentem mudanças nas relações entre sujeito e sociedade. Há necessidade de organização e participação em espaços coletivos, nos quais os indivíduos lutem e ocupem de fato o direito a

uma educação de qualidade, saúde, moradia, segurança alimentar, seguridade social, valorização do trabalho e condições favoráveis de suas funções.

4. CONCLUSÕES

Os catadores de materiais recicláveis pertencem à classe de uma maioria de excluídos que vivem em um contexto histórico de desigualdade social, aos quais são negados o acesso à moradia de qualidade, alimentação, saúde, educação e da valorização do trabalho que desenvolvem, pois estão em situações vulneráveis e constante precariedade de suas ações, não tendo efetivação continuada de políticas públicas que minimamente os ofereçam dignidade da sua importante função ambientalista.

Devido à falta dessas políticas e a negação de conhecimentos pela ausência da escolarização, muitos catadores desconhecem mecanismos que fortaleçam sua organização para se contrapor à submissão de um trabalho insalubre. Por isso, a Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte/CE contribui há alguns anos, com o processo de organização dos catadores de Russas/CE., possibilitando instrumentos de reivindicação e luta para melhor qualidade do trabalho, para que assim, tenham condições necessárias para intervir junto à sociedade, contribuindo com a valorização e dignidade humana do catador, pois, a inclusão de ações práticas de gerenciamento dos materiais recicláveis é uma alternativa de viabilização de políticas públicas. Nessa perspectiva, assevera-se com Freire (1987, p.30), quando o autor afirma que: “a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles”.

Por conseguinte, é preciso um trabalho de base que sensibilize a consciência do ser, em seus atos políticos, possibilitando que os sujeitos reaprendam e reencontrem na pedagogia revolucionária o convencimento das percepções históricas da sua própria existência, para isso, se faz extremamente necessário que se elaborem políticas públicas capazes de oferecer aos catadores oportunidades de superação das opressões. Salienta-se ainda, que as práticas de educação popular devem ser constantes e eficazes, pois, como visto ao longo desta pesquisa, essas ações possibilitam a conscientização, posteriormente a libertação do pensamento subalternizado e oprimido.

Palavras-chave: Educação Popular. Desigualdades sociais. Capitalismo.

5. REFERÊNCIAS

ADORNO, W. Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Capítulo: Educação após Auschwitz.

ANDARY, Maria Amália. *et.al.* Para compreender a ciência. **A INDUÇÃO PARA O CONHECIMENTO E O CONHECIMENTO PARA A VIDA: FRANCIS BACON (1561-1626)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. São Paulo. EDUC. 1988. Pag. 190-197.

ANDARY, Maria Amália *et.al.* Para compreender a ciência. **DO FEUDALISMO AO CAPITALISMO: UMA LONGA TRANSIÇÃO**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. São Paulo. EDUC. 1988. Pag. 157- 174.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Módulo Introdutório: Pobreza, Desigualdades e Educação. IN: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. **Ministério da Educação**. Brasília, DF, 2015a. Disponível em: <<http://egpbf.mec.gov.br/#mod>>. Acesso em: 24/06/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. *Tradução* de Carlos Nelson Coutinho. 4ª edição. Civilização brasileira, 1982.

MENDES, J.E, SPYROS, T, COSTA, E.R, CARVALHO, S.M.G. Alienation, crisis and possibilities in education: perspectives from Brazil and the UK (mimeo). 2020.

PINHEL, Julio Ruffin. **Do lixo à cidadania**: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Organizado por; ilustrado por Luciano Irrthum. São Paulo: Peirópolis, 2013.

STRECK, Danilo R. (Org.). Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. Orlando Fals Borda. Tradução: *Luis Marcos Sander (1995)*. **Pesquisa- Ação, ciência e educação popular nos anos 90**, p. 358-370.

STRECK, Danilo R. (Org.). Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. Orlando Fals Borda (2005). **Da pedagogia do oprimido à pesquisa participativa**, p. 370 -375.

TONET, Ivo. Ontologia, educação e marxismo. Texto base. Educação e ontologia marxiana. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte. V. 24, n.1, p. 201-213 |jan-abri| 2015.